



## **O significado da amizade em um produto brasileiro de teledramaturgia: a minissérie “Queridos Amigos”<sup>1</sup>**

Luciana MOURA<sup>2</sup>  
Universidade Vila Velha, Vila Velha, ES

### **RESUMO**

Este trabalho teve o propósito de analisar o significado da amizade para as personagens centrais da minissérie televisiva “Queridos amigos”, a partir da descrição de suas expressões verbais e não-verbais em torno do tema. Pretendeu-se verificar a importância dada ao tema amizade e a representação de seus contextos. Para tanto, os 25 capítulos da minissérie foram assistidos e as cenas referentes ao relacionamento das personagens centrais com um ou mais amigos da rede foram catalogadas, descritas, analisadas e categorizadas a partir da metodologia de análise de conteúdo. Os resultados apontaram que a amizade foi considerada na minissérie como a forma de relacionamento interpessoal com maior grau de satisfação, envolvendo conotações emocionais, afetuosas, além de apoio instrumental e informacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** minissérie; televisão; amizade; relacionamentos interpessoais.

### **1. Considerações Iniciais**

Desde 1982 a programação televisiva brasileira passou a contar com um formato diferenciado de teledramaturgia: as minisséries. Inspirada nas primeiras novelas exibidas pelo rádio e TV em meados do século XX – que tinham menor quantidade de capítulos e exibições que não eram diárias – a minissérie é uma obra fechada, totalmente escrita e produzida antes da sua exibição, e não sofre, portanto, influências da sua audiência como acontece com as telenovelas (CONVERSANI & BOTOSO, 2008), que normalmente vão sendo construídas por seus autores e pelas opiniões de telespectadores captadas em grupos de discussão. Isso proporciona às minisséries a produção de uma obra mais autoral por parte de autores, diretores e equipe técnica e com nenhuma interferência direta do público.

Além das características descritas acima, Balogh (2005) destaca outras três que também parecem ser definidoras do formato minissérie no Brasil: construção mais cuidadosa e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 5 – Rádio, TV e Internet do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Publicitária, Doutora em Psicologia, professora do curso de Comunicação Social da Universidade Vila Velha e orientadora do trabalho, e-mail: luciana.moura@uvv.br



aprimorada da produção, com mais pesquisas e investimento por capítulo superior ao das telenovelas; trama básica com um grande conflito central e alguns incidentes menores para não criar muita complexidade às histórias e dificultar o entendimento do público, visto serem poucos capítulos; e temática ligada à realidade brasileira, utilizando-se, com grande frequência, da adaptação de obras literárias consagradas. Balogh (1996, p. 37) discute essa tendência de adaptação, caracterizando o processo como “(...) a passagem do texto literário ao filmico e/ou televisivo (...)” e descreve a complexidade do trabalho, por converter a linguagem homogênea da obra literária original (através das palavras) em uma expressão heterogênea de linguagem audiovisual, em que o visual e o sonoro se encontram.

Sendo exibida em uma faixa-horária mais avançada, normalmente após as 23 horas, as minisséries contam com uma audiência mais qualificada e exigente, o que também explica os maiores investimentos em produção, inclusive o maior esmero na escalação do elenco (BALOGH, 2005). Sua transmissão geralmente se dá nos primeiros meses do ano no caso da TV Globo, e o número de capítulos gira entre cinco e quarenta, mas esse número pode ser flexível e a época de exibição também pode variar muito.

Esse estudo se dedicou a interpretar o significado da amizade em uma minissérie e, para tanto, também é importante que se considerem algumas ideias básicas em torno das relações interpessoais. Em uma pesquisa realizada a partir de dados coletados em diversas culturas, Argyle (1992) identificou que dentre os fatores que mais contribuem para a felicidade de alguém os relacionamentos interpessoais aparecem com acentuado destaque, especialmente os familiares, românticos e de amizade. O autor salienta que os relacionamentos interpessoais são fatores determinantes para a concretização de estados mentais, emocionais e físicos positivos, estando, por outro lado, também na raiz de conflitos, crimes e até doenças. Muito embora desde a antiguidade os filósofos já refletissem sobre os relacionamentos interpessoais como um fenômeno (BALDINI, 2000), com especial destaque para a amizade, foi apenas no final do século XX que o tema consolidou-se como uma área de estudo científico de caráter multidisciplinar. Badhwar (1993) percebe que apenas a partir da segunda metade do século XX o interesse pela discussão do tema vem aumentando, e Ricken (2008) comenta que tanta atenção se deve ao fato de ser a amizade o mais satisfatório entre todos os vínculos.

O objetivo geral deste trabalho é analisar o significado da amizade para as personagens centrais da minissérie “Queridos amigos”, a partir da descrição de suas expressões



verbais e não-verbais em torno do tema. Pretende-se com isso, verificar a importância dada ao tema e a representação de seus contextos em um produto de teledramaturgia que concentra em torno de si tanta atenção e audiência. A obra “Queridos amigos” foi escolhida em função de já trazer no título a menção à amizade, e ficar claro, dessa forma, que a intenção é claramente tratar o tema, cabendo então a esta pesquisa interpretar a sua forma de abordagem.

## **2. Método**

A minissérie “Queridos amigos” foi exibida em 25 capítulos entre os dias 18 de fevereiro e 28 de março de 2008 na Rede Globo, na faixa horária das 23 horas. Escrita por Maria Adelaide Amaral, a partir da adaptação da obra literária “Aos meus queridos amigos” da mesma autora, a minissérie é ambientada no final da década de 1980, especialmente durante 25 dias nos últimos meses de 1989, e descreve o reencontro de uma rede formada por amigos que se conheceram na década de 1970 na escola e em ambientes profissionais. Durante o tempo de separação as personagens consolidaram suas experiências pessoais, formando e vendo crescer suas famílias e se firmando profissionalmente como jornalistas, professores, empresários, publicitários, astrólogos, médicos, escritores, psicólogos e donas de casa (MUNGIOLI, 2009).

Para a coleta de dados, os 25 capítulos que compõe a minissérie em sua totalidade foram assistidos e as cenas referentes ao relacionamento das personagens centrais com um ou mais amigos da rede foram, inicialmente, identificadas e marcadas. As falas foram catalogadas, categorizadas e analisadas em um formulário de observação. Em um segundo momento foram definidas as categorias de análise, a partir de cada item abordado no formulário e da combinação de dados que puderam ser classificados de modo convergente e/ou divergente. O critério para categorização das cenas foi temático e a definição final das categorias escolhidas foi possível a partir da análise das falas.

## **3. Resultados**

A observação inicial da minissérie permitiu identificar as formas de tratamento que foram usadas pelas personagens para se referirem ao grupo de amigos em diálogos sobre a rede. Algumas expressões foram empregadas 61 vezes nesse sentido, sendo que “família” ocupou uma posição de destaque com 28 menções, o que correspondeu a



quase 50% dessas falas. Todas as personagens centrais pelo menos em algum momento se referiram aos demais como “a família” e personagens secundárias também comentaram sobre o grupo principal usando a mesma expressão. Já as palavras “amigos” ou “amizade” foram usadas exclusivamente pelos membros da rede e assim como “família” apareceram associadas a reflexões afetivas em torno do grupo, com 15 menções. Em nove diálogos as personagens centrais usaram expressões como “nós” ou “a gente”; em seis apareceu a palavra “turma” e três vezes a referência foi a “pessoas”. Vale destacar que “turma” e “pessoas” foram usadas principalmente com conotações de deboche ou em situações de conflito. Enquanto “turma” apareceu associada a um tipo de relação distante, como uma espécie de fase anterior ou decadente da amizade, a expressão “pessoas” foi usada para romper vínculos emocionais e criar distanciamento entre o emissor das falas e os demais membros da rede. Aliás, a principal utilização da expressão “turma” foi associada à expressão “família”, como indicação que o grupo não era uma “turma” e sim uma “família”; e também o inverso, através da constatação que a “turma” já não era mais uma “família”, em uma clara indicação de quebra de vínculos ao longo do tempo. O pronome “aquelas” foi usado em duas das três vezes em que a palavra “pessoas” indicou o grupo de amigos, fazendo com que o emprego associado de “aquelas pessoas” criasse ainda menor conexão entre os amigos em períodos de pós- crise. Ainda observou-se o uso da palavra “liga” também com fins pejorativos.

É importante destacar que as expressões descritas anteriormente referiram-se a menções ao grupo de amigos, mas também foi possível observar o emprego de palavras específicas em conversas informais envolvendo apenas dois amigos. Nesse sentido, houve o registro das expressões “meu amigo”, “companheiro”, “meu amor”, e “irmão”. Todas elas apareceram como forma de tratamento pessoal emotiva.

Ao longo dos 25 episódios, que totalizaram aproximadamente 24 horas de imagens em vídeo, as personagens centrais da minissérie *Queridos Amigos* se encontraram, desconstruíram, refletiram suas vidas e relações. Nesse contexto, foram identificadas 54 cenas nas quais houve o registro de 103 falas que expressaram considerações em torno do tema amizade. Considerou-se como “fala” o conjunto de frases proferidas por determinada personagem antes da interrupção pela “fala” de outra personagem. Assim, algumas cenas proporcionaram o registro de mais de uma fala, e elas foram então analisadas não apenas por seu caráter verbal, mas também considerando aspectos não-verbais, paralinguísticos e contextuais. Dessa forma, cenas e falas foram agrupadas pela



identificação de elementos comuns na observação e na análise. Com a transcrição das cenas foi possível interpretar o significado da amizade para as personagens da minissérie, o que constituiu o objetivo central desse estudo. Os resultados da análise encontram-se nos oito itens que serão apresentados a seguir.

*3.1 Valorização da amizade:* A partir da análise, foi possível perceber uma ênfase em demonstrações de apreço e consideração entre amigos nas cenas analisadas. Em 22 falas, o que correspondeu a aproximadamente 20% da amostra, as personagens destacaram a importância da amizade em suas vidas, valorizando, de forma bem objetiva, o reencontro, que, aliás, consideraram um “milagre”. É interessante observar que essas falas percorreram toda a extensão dramática da narrativa, do primeiro ao último capítulo. Até em torno da morte as personagens pareceram menosprezar a tristeza do luto em função da alegria proporcionada pelo encontro. A valorização da amizade não foi facilmente percebida apenas nas falas das personagens. Suas expressões físicas não verbais e paralinguísticas também sinalizaram consideração aos amigos. Muitas falas foram acompanhadas de sorrisos, olhos marejados, contato visual intenso, pausas indicativas de emoção, sussurros, proximidade física, toque carinhoso. O afeto foi demonstrado também através de beijos (na cabeça, testa, mão, rosto e selinhos), abraços, mãos dadas na hora de uma conversa mais difícil e até na simulação de brigas que representavam uma grande brincadeira. Homens e mulheres se envolveram igualmente na demonstração afetiva da amizade, sendo que em algumas situações a relação entre homens foi mais terna e carinhosa do que a estabelecida entre mulheres.

*3.2 Conflito:* Ao mesmo tempo em que destacaram a importância da amizade em suas vidas, as personagens centrais se envolveram em diálogos que de algum modo representaram crise em suas relações. Em 16 falas essa situação foi passível de observação. A maior parte das cenas foi registrada na primeira metade da série, indicando que o tempo de distanciamento entre as personagens foi determinante para a criação de barreiras emocionais e para o recrudescimento das diferenças típicas de qualquer relação humana. Isso ficou claro em falas que indicaram que a “turma” não era mais uma “família” e nas discussões sobre rompimentos e separações. Houve constatação, por parte de alguns personagens, que o distanciamento no tempo pareceu fazer ruir a amizade entre eles. Ao longo dos episódios as situações de conflito foram se tornando mais amenas e esparsas. Alguns episódios de conflito envolveram determinadas personagens, enquanto outros contaram com a participação de todo o



grupo. Os principais motivos de conflito coletivo envolveram questões de posicionamento político e orientação sexual. Já as divergências pessoais tiveram grande influência dos envolvimento românticos que se deram entre alguns membros da rede. Os conflitos também foram representados de modo não verbal, com a elevação do tom de voz, aceleração na fala, ironia, deboche, repetição de palavras a fim de dar ênfase ao que foi dito, gestos bruscos e agressividade no olhar. Apesar da frequência dos episódios de conflito na minissérie, as próprias personagens reconheceram “que todas as famílias têm manchas” e que as diferenças entre eles não podiam ser maiores que os afetos que todos nutriam mutuamente.

*3.3 Saudosismo:* Naturalmente, a primeira parte da minissérie registrou muitas menções a acontecimentos pretéritos dos amigos, gerando alto grau de saudosismo entre todos. A própria linguagem narrativa adotada pelos produtores do programa ajudou a criar esse clima, na medida em que cenas de flashback se repetiram em vários capítulos. Assim, 13 falas foram registradas e a maior parte delas estava localizada até o capítulo cinco da minissérie, justamente por ser esse o tempo narrativo em que o reencontro do grupo foi sendo mostrado. De modo geral, as personagens expressaram sentimentos de saudade, principalmente direcionado à “família” e as reuniões que faziam. Também expressaram que sentiam falta de algumas atividades comuns, como ir ao cinema, visitar exposições de arte e conversar durante a madrugada. Foi possível perceber que, acima de tudo, cada personagem sentia saudade de sua própria juventude, dos seus sonhos, valores, além da forma como se transformavam quando estavam juntos. Esses sentimentos puderam ser percebidos também pelos suspiros que acompanhavam as lembranças, vozes embargadas e falas interrompidas pelo choro.

*3.4 Romance:* Com uma rede tão extensa, formada por 12 amigos, foi natural encontrar algum tipo de interesse ou envolvimento romântico. No entanto, as falas que foram catalogadas nessa amostra foram apenas aquelas que de algum modo associavam romance e amizade e, nesse sentido, foram encontradas 13, sendo a maior parte delas situadas em diálogos entre amigos que se envolveram mas não chegaram a consumir nenhuma relação amorosa. Esses diálogos expressaram, em sua maioria, ideias relacionadas à incompatibilidade na associação entre romance e a amizade em função de envolverem sentimentos diferentes. Houve distinção nas formas de afeto, sendo a amizade associada a um tipo de irmandade (amor de irmão) que não se situa no mesmo domínio do envolvimento sexual. As personagens descreveram a amizade como uma



relação superior, rara, preciosa e a tal ponto especial que não justifica que se corram riscos de rompimento com um amigo a partir de uma associação amorosa malsucedida. O receio de magoar o amigo foi a principal justificativa usada para que não fossem levados adiante o interesse sexual entre duas personagens. Também foi registrado como motivo de negativa o medo de se perder a espontaneidade com o amigo e de se criar expectativas e frustrações. Como a palavra “amor” apareceu no contexto dos dois tipos de envolvimento – o romântico e a amizade – uma personagem chegou a fazer distinção entre os dois cunhando a expressão “amizade amorosa” para designar o que sentia por um amigo e outra diferenciou as duas relações falando em “amor homem e mulher”.

*3.5 Comparação com família:* Como já foi destacado anteriormente, a principal forma de referência que os amigos faziam à rede da qual participavam era “a família”. Esse fato foi percebido tanto pelas formas de tratamento que naturalmente foram incorporados a diálogos variados e multitemáticos quanto pelas 12 falas que expressaram claramente a substituição dos laços familiares pelos de amizade em termos de prioridade e maior envolvimento emocional. Fotografias e telas com pinturas à óleo foram identificadas como retratos da família e em diversas ocasiões as personagens revelaram que suas verdadeiras famílias eram os amigos, inclusive como forma de negação e agressão aos familiares reais. A partir de cenas de conflito familiar as personagens foram consoladas pelos amigos com o argumento que aquela não era a família real, e que esse papel era verdadeiramente representado pelo grupo de amigos. Também foram feitas comparações entre parentes e amigos com o desejo expresso que o familiar em análise se tornasse mais parecido com os membros da rede.

*3.6 Apoio:* Envolver-se com os amigos representou na minissérie envolver-se também com seus dilemas e dificuldades. O comportamento solidário foi claramente percebido em muitas cenas e 10 falas registraram literalmente o sentido de ajudar e oferecer apoio aos amigos. Essas falas foram acompanhadas de tonalidades vocais carinhosas e gestos como abraço, dar colo e segurar as mãos do outro ao longo do diálogo. Na maior parte dos casos o apoio foi direcionado a um amigo específico, mas houve sempre um esforço generalizado do grupo em participar da situação. Mesmo quando o amigo em dificuldade não queria a ajuda dos demais, ainda assim eles se reuniam e pensavam juntos em uma forma de intervir e colaborar tanto no sentido emocional quanto instrumental ou informacional. O apoio aconteceu em torno de episódios que envolveram doença, separação conjugal, morte, dificuldade financeira e violência. As



falas reforçaram o fato de estarem todos juntos em qualquer situação e foram acompanhadas pelo sentimento de gratidão por parte do amigo ajudado. Essa gratidão representou, inclusive, uma espécie de obrigação moral em retribuir ao apoio. Vale destacar por fim que um recurso narrativo foi usado para dar maior ênfase às cenas de cumplicidade e apoio mútuo entre as personagens da minissérie: a trilha sonora. Ao som da música “Canção da América”, especialmente através do verso “amigo é coisa pra se guardar debaixo de sete chaves, dentro do coração”, na voz de Milton Nascimento, as personagens choraram juntas, se consolaram, procuraram abrigo em abraços e nos olhares cúmplices. Esse recurso conferiu mais dramaticidade e emoção à narrativa e serviu como fechamento do capítulo ou elemento de passagem entre uma cena e outra.

*3.7 Elogio:* Ainda que a amizade tenha sido considerada de modo mais grupal nas falas das personagens da minissérie, é preciso considerar que também foi possível identificar 10 comentários elogiosos direcionados a um amigo específico. Esses comentários foram incluídos na amostra por fazerem referência às características do relacionamento e qualificarem a personagem como um amigo especial. As principais expressões empregadas para o elogio foram “grande amigo”, “um amigo como poucos” e “amigo querido”; e os adjetivos “leal”, “íntegro” e “incondicional” completaram as falas. Os elementos não verbais e paralinguísticos que completaram as falas foram todos indicativos de emoção, como tonalidade de voz dando ênfase a determinadas palavras, olhos marejados, abraços fortes e efusivos, toques carinhosos no rosto e conversa olho no olho. Leo foi a personagem mais elogiada pelos amigos, em função de ter protagonizado a maior parte das cenas de apoio, mas também receberam elogios Ivan, Tito, Rui e Bia. Ainda falando em Leo, é preciso destacar que a personagem morreu no final da minissérie e também simulou o suicídio no meio da história para unir novamente os amigos. Em ambas as situações seus amigos compartilharam o luto pela perda e fizeram desse momento um memorial às qualidades de Leo, lembrando suas atitudes, qualidades e destacando o papel significativo dele na vida de cada um. O choro e o saudosismo deram o clima dessas cenas.

*3.8 Exclusão/inclusão:* Por fim, foi curioso observar nos diálogos da minissérie o quanto o grupo se manteve receptivo à entrada de novos membros, ao mesmo tempo em que rejeitou deliberadamente a associação de outros, o que foi percebido em 7 falas. “Você faz parte da família” e “bem-vindo à família” foram os tipos de saudações usadas para acolher personagens secundários e foram enunciadas por membros da rede. Já a





rejeição aconteceu direcionada a pessoas que de algum modo tinham desavenças individuais com um dos amigos do núcleo central (mesmo que fossem intimamente ligadas a outra personagem), e isso acabou por limitar seu relacionamento com todos os demais. Essas falas não foram proferidas por membros da rede, mas foram selecionadas para a amostra por fazerem referência direta à amizade das personagens centrais. De modo geral, a exclusão envolveu convites para reuniões e foram justificadas pelo motivo de não fazerem essas pessoas parte da família.

#### **4. Discussão e considerações finais**

O objetivo desse trabalho foi analisar o significado da amizade para as personagens centrais da minissérie *Queridos Amigos*, de modo a interpretar o tratamento dado ao tema em um produto cultural midiático. Esse item se propõe a discutir os dados coletados e contrapor-los aos estudos que também refletem uma interpretação sobre o significado da amizade enquanto forma de relacionamento interpessoal.

Em primeiro lugar, é possível identificar um tratamento emocional e afetivo bastante presente na fala das personagens em suas referências ao grupo de amigos. As categorias que foram criadas para apresentação dos dados registraram esse sentido, uma vez que expressaram, e de modo significativo, ideias em torno de valorização da amizade, felicidade, apoio, confiança, saudade, amor, tolerância e solidariedade. Todas essas palavras foram usadas pelas próprias personagens para fazer referência ao grupo, bem como, para destacar de forma elogiosa a um amigo em particular. De início, o próprio título da minissérie já dá uma pista sobre o tratamento que será dado ao tema, a partir do uso do qualificativo “queridos” para acompanhar “amigos”. E a cada episódio foi ficando cada vez mais claro o quanto a vida das personagens ficou incompleta com o afastamento do grupo e como o reencontro serviu para tornar cada um deles mais feliz, como se desse um novo sentido às suas vidas.

Vem de longe a tradição de associar satisfação e amizade (BALDINI, 2000). Oliveira (2011, p. 19) também comenta que a amizade é um tema importante em vários sistemas éticos e filosóficos, sendo “um dos mais prezados da história da filosofia”. Com o suceder dos séculos, diversas “tonalidades” foram sendo incorporadas às reflexões, mostrando “os vários tempos históricos e sociedades que tornaram esse um proeminente móvel de reflexão e ação moral” (OLIVEIRA, 2011, p. 19). No entanto, o que se pode



perceber na análise genealógica da amizade é uma ênfase em aspectos positivos (que refletem satisfação) e emocionais.

Voltando a falar na minissérie e ainda considerando a ênfase emotiva das falas catalogadas no estudo, convém destacar que tanto afeto pelos amigos foi demonstrado não apenas nas expressões verbais, mas, sobretudo, nos comportamentos de apoio manifestado pelas personagens nos episódios em que amigos encontraram-se envolvidos em alguma situação-problema. Aristóteles (1999) e Cícero (2012) já comentavam a respeito da função utilitária da amizade e muitos séculos depois um trabalho de Duck (1983) enumerou as razões que levam alguém a ter um amigo. O provimento de ajuda instrumental e psicológica aparece em seu estudo ao lado de coisas como senso de pertença, estabilidade emocional e reafirmação do próprio valor. Mendelson e Aboud (1999), em uma metanálise sobre o valor da amizade a partir de oito questionários independentes, descreveram suas seis funções e também elencaram a ajuda como uma delas. O apoio aparece como um dos quatro fatores capazes de fazer a amizade resistir à força do tempo em um estudo conduzido por Oswald e Clark (2003).

Mesmo em contextos de crise houve o predomínio do afeto, a partir da concordância geral entre as personagens da minissérie que o desentendimento é parte integrante e natural do amor. Essa dicotomia entre satisfação e crise na amizade está presente nos discursos filosóficos em torno do tema tanto quanto nas pesquisas empíricas que investigam os relacionamentos interpessoais (COLE E BRADAC, 1996). Também é preciso reconhecer que amigos apresentam maior probabilidade de se envolver em situações de conflitos do que não-amigos, em função de um maior tempo de convivência e também pelo sentido de posse que atribuem à relação e ao outro (HINDE, et. al, 1985; TREVISAN, 2006).

Considerando as características pessoais das personagens centrais percebe-se que eles eram muito diferentes e tais diferenças se faziam valer em aspectos variados da vida: profissão, condição financeira, orientação sexual, estilo de vida, crenças, status. De um lado, militantes de esquerda; de outro, empresários absolutamente adaptados a um estilo de vida burguês. Viviam em apartamentos simples na periferia ou em mansões na serra paulista. De astróloga a professor universitário, passando também por médico, jornalistas, dona de casa, artistas. Casados, solteiros, divorciados, homens e mulheres. A rede formada pelas personagens centrais da minissérie Queridos Amigos encontrou na amizade seu ponto convergente e passou por cima de tantas distâncias exatamente por



acreditar, acima de tudo, na amizade. Talvez fosse essa a maior similaridade que os unia: o quanto valorizavam os amigos. Altermatt e Pomerantz (2003) falam de “similaridade psicológica” para descrever os processos em que as pessoas são atraídas a outras pessoas e delas se tornam amigas a partir de semelhanças no âmbito dos ideais.

Falando ainda em similaridade, Alberoni (1992) acredita que a escolha por um amigo se dá entre aqueles que se parecem. No entanto, na visão desse sociólogo italiano, a semelhança deve ser, especialmente, no âmbito da moralidade. Yager (1999) de algum modo compartilha dessa opinião, ao afirmar que a amizade está baseada no compartilhamento de valores e a relação apenas alcançará bases profundas quando a ética, a honestidade e o respeito estiverem presentes. Os estudos empíricos modernos a respeito da temática da amizade tendem a prever uma maior vinculação entre pessoas quanto maior forem as similaridades que as reúnem, especialmente em aspectos como gênero, etnia, idade, sucesso profissional, habilidade linguística e muito mais.

Outro destaque importante encontrado no estudo diz respeito à forma de tratamento usada pelas personagens na minissérie. É marcante na obra a utilização da expressão “família” para referência ao grupo de amigos. A qualificação do grupo de amigos como uma família não deixa também de apresentar caráter emocional e afetivo, mas a recorrência dessa estratégia verbal de proximidade foi tão significativa que optou-se por discuti-la em separado como um segundo destaque, justamente para ser possível uma maior ênfase à análise. Esse fenômeno vem sendo observado há séculos. Krappmann (1996), em um estudo que pretendeu identificar os traços culturais da amizade, investigou o significado da palavra a partir de sua raiz filológica em vários idiomas, e concluiu que em algumas culturas há uma ligação direta entre amigos e parentes. É o caso do termo inglês “friend”, que se refere originalmente a parentes; do latino “amicus” e do grego “philos”, que estão relacionados a indivíduos de relações próximas, como os familiares; e do alemão “freund”, que também está associado a parentesco.

Aristóteles (1999) já falava sobre a relação entre amizade e família e para ele a família é uma espécie de amizade. Gomes e Silva Júnior (2008) revelam que a tendência de associar amizade e familiaridade vem sendo observada nos discursos tradicionais de amizade desde a Grécia antiga. A identificação de amigos e irmãos também pode ser notada nos textos cristãos primitivos (MCGUIRE, 2010), e sobreviveu ao tempo a preferência por chamar de “irmão” alguém que compartilha a mesma crença religiosa. O filósofo Montaigne (2011) também refletia sobre essa associação, mas para ele não se



pode confundir amor familiar com amizade. Kehl (2000) comenta que a fraternidade construída socialmente a partir da figura de um irmão consanguíneo envolve também as amizades e Cohen (1966) conclui, a partir da investigação em 65 sociedades, que a amizade transforma o amigo em uma espécie de “irmão de sangue”.

A partir do fim da Idade Média, quando se observou o esvaziamento das esferas públicas e a centralização da família como espaço genuíno para a construção de relacionamentos íntimos e afetuosos, a amizade passou a ser vista como uma forma de vinculação complementar à família, até mesmo secundária (ORTEGA, 2002). Os amigos deveriam estar, preferencialmente, dentro da família e possuir o mesmo sobrenome. Tal recurso permitia maior controle sobre seus membros. As pessoas de fora da família que passavam a estabelecer relações próximas com alguém precisavam, então, de algum modo, serem incorporadas à família para justificar os vínculos e a intimidade, e daí, segundo Ortega (2002) se consolidaram as metáforas familiares que incorporaram expressões como “irmão” e “família” ao relacionamento. Chamar o grupo de amigos de “família” e tratar como “irmão” um amigo vem sendo recurso usado para dar mais legitimidade à relação (GOMES E SILVA JÚNIOR, 2005; 2008).

Ainda que tenha aparecido em menor proporção, é preciso comentar a associação entre amizade e romance no enredo da minissérie e sua manifestação nas 13 falas catalogadas no estudo. Platão (1991) relacionava amizade e amor, mas Aristóteles, o mais conhecido discípulo, distinguiu-se de seu mestre ao tratar o tema a partir de duas instâncias independentes. Pensamentos filosóficos posteriores mantiveram essa dissociação, muito embora, na prática, Ortega (2002) tenha identificado registros históricos de associações amorosas entre amigos, especialmente entre mulheres (como um estágio anterior às núpcias) e religiosos. Discutindo sobre esse tema, alguns pesquisadores são categóricos ao defender uma separação radical entre amizade e envolvimento romântico, como Fehr (1996) e Bell (1981), que ao definirem amizade a pontuam como um tipo de relacionamento de natureza isenta de envolvimento sexual. Na contramão dessa ideia aparecem as pesquisas empíricas de Borges e Schor (2002), que observaram a indicação de amigos como parceiros sexuais ocasionais.

Para concluir, todos os dados coletados e aqui apresentados permitiram observar que a minissérie atribuiu um grande valor emocional à amizade, especialmente quanto à manifestação verbal e não-verbal do afeto, a proximidade entre os amigos e à superação das diferenças a partir da crença que em nome da amizade tudo pode ser relevado.



Apesar de apresentar um contexto que privilegia aspectos políticos e históricos do Brasil, a obra é, acima de tudo, uma grande apologia da importância da amizade como agente de transformação individual e coletivo e, principalmente, como fonte geradora de felicidade. O início da trama mostrou as personagens solitárias, tristes, entregues à rotina e sem perspectivas imediatas de satisfação e prazer. O reencontro, cujo clímax foi atingido na festa encenada no último capítulo, trouxe leveza, alegria e, especialmente esperança a cada uma em particular e também ao grupo enquanto manifestação coletiva da amizade. E sem dúvida, esse trabalho que procurou identificar o significado da amizade retratado por um produto cultural mostrou que, pelo menos nesse discurso ficcional televisivo, a amizade é um relacionamento redentor e indispensável à existência humana, superior em profundidade e satisfação a outras formas de vinculação interpessoal como o casamento e a família consanguínea.

Não existiu aqui o propósito de comparar os discursos apresentados na minissérie com as práticas de amizade percebidas na vida real. Os estudos empíricos apresentados na discussão, acompanhados de relatos sobre pensamentos filosóficos em torno do tema, serviram apenas para contextualizar a narrativa e caracteriza-la como verossímil na retratação dessa forma de relacionamento interpessoal.

## REFERÊNCIAS

ALBERONI, F. (1992). **A amizade**. Rio de Janeiro: Editora Rocco.

ALTERMATT, E.R.; POMERANTZ, E.M. (2003). **The development of competence-related and motivational beliefs: an investigation of similarity and influence among friends**. *Journal of Educational Psychology*, Baltimore, v. 95, n.1, p.111-23.

ARGYLE, M. (1992). **The Social Psychology of Everyday Life**. New York: Routledge.

ARISTÓTELES. (1999). **Ética a Nicômaco**. Brasília: UnB.

BADHWAR, N. K. (1993). Introduction: The nature and significance of friendship. In: N. K. Badhwar (Org.), **Friendship: A philosophical reader** (pp. 1-36). New York: Cornell University Press.

BALDINI, M. (2000). **Amizade & filósofos**. Bauru: EDUSC



BALOGH, A. M. (1996). **Conjunções-Disjunções-Transmutações. Da Literatura ao Cinema e à TV**. São Paulo, Annablume/ECA-USP.

\_\_\_\_\_. (2005). **O discurso ficcional na TV**. São Paulo: Editora Senac São Paulo

BELL, R. (1981). **Worlds of friendship**. Beverly Hills: Sage.

BORGES, A. L. V. e SCHOR, N. (2002). **Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil**. Cad. Saúde Pública, vol.21, n.2, pp. 499-507.

CÍCERO, M. T. (2012). **Da amizade**. São Paulo: WMF Editora Martins Fontes.

COHEN, Y. A. (1966). Patterns of friendship. In Cohen (Org.), **Social structure and personality** (pp. 351-386). New York: Holt, Rinehart & Winston.

COLE, T. & BRADAC, J. J. (1996). **A lay theory of relational satisfaction with best friends**. Journal of Social and Personal Relationships, 13(1), 57-83.

CONVERSANI, A. B. e BOTOSO, A. (2008). **Teledramaturgia Brasileira: as minisséries**. Disponível em [http:// bocc.uff.br/pag/bocc-teledramaturgia-altamir.pdf](http://bocc.uff.br/pag/bocc-teledramaturgia-altamir.pdf)>. Acesso em 20 de junho de 2010.

DUCK, S. (1983). **Human Relationships**. London: Sage.

FEHR, B. (1996). **Friendship processes**. London: Sage.

GOMES, L. G. N. & SILVA JÚNIOR, N. (2008). **Implicações políticas da semântica familiarista nos discursos de amizade contemporâneos**. Psicologia em Estudo, 13(2), 267-275.

\_\_\_\_\_. (2005). **Semânticas da Amizade e suas Implicações Políticas**. Psicologia USP. , v.16, p.119 - 142.

HINDE, R. A., TITMUS, G., EASTON, D., & TAMPLIN, A. (1985). **Incidence of 'friendship' and behavior toward strong associates versus nonassociates in preschoolers**. Child Development, 56(1), 234-245.

KEHL, M. R. (2000). **Existe a função fraterna?** Em M. R. Kehl (Org.), **Função fraterna** (pp. 31-47). Rio de Janeiro: Relume Dumará.



KRAPPMANN, L. (1996). **Amicitia, drujba, shin-yu, philia, Freundschaft, friendship: On the cultural diversity of human relationship.** In W. M. Bukowski, A. F. Newcomb, & W. W. Hartup (Eds.). *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 19–40). New York: Cambridge University Press.

MCGUIRE, B. P. (2010). **Friendship and Community: The Monastic Experience.** Cornell University Press.

MENDELSON, M. J. & ABOUD, F. E. (1999). **Measuring friendship quality in late adolescents and young adults: McGill Friendship Questionnaires.** *Canadian Journal of Behavioural Science*, 31(2), 130-132.

MONTAIGNE, M. (2011). **Sobre a amizade.** Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial.

MUNGIOLI, M. (2009). **Produção de sentido de nacionalidade na minissérie “Queridos Amigos”.** *Rumores – Revista on line de comunicação, mídia e cultura da USP.* Edição 6, volume 1.

OLIVEIRA, J. (2011). **Para uma ética da amizade em Friedrich Nietzsche.** Rio de Janeiro: 7 letras.

ORTEGA, F. (2002). **Genealogias da amizade.** São Paulo: Iluminuras.

OSWALD, D. L., & CLARK, E. M. (2003). **Best Friends forever?: High school best friendship and the transition to college.** *Personal Relationships*, 10, 187-196.

PLATÃO. (1991). **Coleção Os Pensadores - Diálogos / Platão;** seleção de textos de José Américo Motta Pessanha ; tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. — 5. ed. — São Paulo : Nova Cultural.

RICKEN, F. (2008). **O bem viver em comunidade: a vida boa segundo Platão e Aristóteles.** São Paulo: Edições Loyola.

SOUZA, L. K. e GAUER, C. S. (2012). **Amizade em contexto: desenvolvimento e cultura.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

TREVISAN, G. (2006). **Afectos e amores entre crianças: a construção de sentimentos na interação de pares.** Dissertação em Estudos da Criança – Área de conhecimento: Sociologia da Infância. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Portugal.

YAGER, J. (1999). **Friendships: The Power of friendship and how it shapes our lives.** 2nd ed. Stamford, CT: Hannacroix Creek Books.